



SAFIRA

Bruno Sêrvulo MATOS¹

Recebido: 10/12/19

Aprovado: 02/01/20

Seu coração ameaçava explodir do peito. Ela não corria, mas andava com pressa como se a polícia estivesse à sua sombra. Olhou ao redor, segurou a bolsa com força no peito. Seu peso não permitia que andasse mais rápido e o suor escorria pelo rosto vermelho dos raios de sol que queimavam sua pele sem piedade.

Naquele dia, acordou com um sentimento que não compreendia. Sonhara com sua mãe, como um prelúdio do que estava por vir. Não se recordava muito bem daquele sonho, apenas que sua mãe agarrava seu rosto gordo e dizia algumas palavras que não compreendia, ou não se recordava com clareza. A mãe, com um sorriso lindíssimo, desviou uma mecha de cabelo, disse aquelas palavras inaudíveis e sumiu lentamente sob uma névoa translúcida. Quando Safira abriu os olhos, viu o teto de sua casa: algumas telhas rachadas, uma aranha que se alimentava de uma mosca...ao seu lado, o marido ainda roncava alto. O homem usava uma cueca larga que deixava o púbis à mostra, e uma camisa suja de gordura. Pelo aspecto do marido, deduzira que ele não havia tomado banho. Levantou-se lentamente. Esperava ver a luz do sol entrar pelas muitas frestas da janela, mas ainda era noite. Acordara cedo porque sabia que tinha serviço duro pela frente e a julgar pela distância do local de trabalho, era necessário acordar muito cedo para não se atrasar. Safira lavou o rosto para espantar o resto de sono e vestiu-se pensando no sonho que tivera.

Sua mãe nunca fora uma mulher bondosa, ao contrário, sempre muito dura e exigente, não expressava sentimentos claramente, nem de tristeza e nem de alegria. Não falava muito, mas intimamente Safira sabia que sua mãe não acreditava que a menina um dia se casaria. Quando aquele homem entrou pela porta da casa e disse que desejava se casar com a menina gorda de olhos grandes, a mãe não demonstrou qualquer sinal de espanto ou surpresa. Na verdade, ela apenas balançou a cabeça e deixou que a cinza do cigarro caísse sobre seu vestido. Quando o futuro marido de Safira se despediu, a mãe, com dificuldade, levantou-se da cadeira de balanço, e caminhou lentamente para seu quarto. Antes, parou ao lado da filha e a olhou com aqueles olhos de piedade. Depois fechou a porta do quarto. Safira não viu, mas sabia: um barulho de fósforo se acendendo e uma oração baixinha,

¹ Doutorando de artes (UFPA), professor de Língua Portuguesa e Literatura (IFAP) e escritor. MATOS, Bruno Sêrvulo. Safira. In: *Revista Falas Breves*, In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

sussurrada, inaudível. A mãe rezava pela filha em agradecimento ou lamúria? Depois disso, morreu por circunstâncias ainda não esclarecidas. Os mais antigos dizem que ela morreu porque desistira de viver. Simples assim.

O nome de Safira foi escolhido por conta de uma novela que a mãe religiosamente assistia. Achou o nome bonito e que combinava com os olhos da menina recém-nascida. Mas em nada se parecia com uma joia, pelo menos não como uma safira de verdade. Apesar dos olhos enormes, como se fossem de alienígena, eram negros e profundos, não refletiam muita luz, porém a mãe insistia em que havia algo de especial naquelas duas esferas. Especial ou não, a menina fora batizada com o nome de Safira, o mesmo da personagem principal da novela das 9. Naquele mesmo dia, no cartório de registro civil, outras quatro mulheres com seus recém-nascidos também registraram suas filhas com o nome de Safira, por causa da novela. E também juravam que os olhos das pequenas eram como grandes safiras.

O tempo se estendeu lentamente e a jovem crescera. Menstruara. Casara...não teve filhos, o útero era emborcado e não conseguia segurar a criança. Aceitou a condição sem lamentar. Talvez porque não quisesse transmitir o gene da desgraça, ou mesmo porque fora uma escolha de Deus. O marido, que nunca esteve em um emprego fixo, preferiu que as coisas ficassem assim. Não havia espaço, tempo, dinheiro e nem paciência para cuidar de uma criança, Safira já tinha que trabalhar por dois. Imagine o que seria de suas noites com os berros de uma criança? E o que dizer da possibilidade de ter que abdicar da cachaça na taberna do Joaquim? Não mesmo. E as coisas seguiram seu fluxo normal e anormal, tanto faz.

Safira não reclamava, estava tão parecida com a mãe, acreditando apenas que a vida era assim. Que o mundo girava assim. Que as coisas que se viam na TV era uma ficção para seduzir mulheres desocupadas. Inclusive, a única vez que se deixou acreditar em algo que assistira na TV foi certa vez quando viu uma reportagem durante a madrugada. A repórter falava sobre toque, sobre prazer, sobre câncer...coisas que as mulheres precisam saber. Conhecer o corpo para conhecer a si mesma. Naquela noite, após a reportagem, Safira foi tomada por uma curiosidade espantosa. Foi ao banheiro e trancou a porta na chave. Começou a tocar o rosto, depois o pescoço, os braços e as pernas. Lentamente, vergonhosamente na verdade, tocou os seios. Procurando por algo, tentando entender. Riu com aquilo, quando, de repente, sentiu um pequeno caroço, do tamanho de uma bola de gude. Dava para sentir. Sim, era uma bola de gude. Pequena, uma bolinha, uma massa. E mais outras. Três ao todo.



“Não há de ser nada”, “não tenho tempo para essas bobagens”. Depois, sentou-se no vaso e urinou. Ao passar o papel sobre suas partes íntimas, sentiu um frio que nunca sentira antes. O que era aquilo? O que havia ali? Pegou o espelho de mão, colocou-o no chão e abriu as pernas para ver melhor. Não havia nada. Mas o toque...o toque era uma sensação de nunca mais parar. Como aquela coceira que nunca satisfaz. Naquela noite, ela ficou por mais tempo que o normal no banheiro. Seu rosto estava suado e pela primeira vez descobriu que seu corpo era um labirinto de sensações.

Safira chegou em seu emprego pontualmente. Na verdade, meia hora antes do previsto. Talvez os patrões ainda estivessem na cama. Olhou aquele casarão enorme e imaginou que tipo de gente morava ali. Deviam ser muito ricos. Foi a patroa mesmo quem abriu a porta.

- Olá. Você deve ser Safira.

- Sim, senhora.

- Que nome lindo! Por sinal, não sei se você reconhece, mas meus brincos são de safira. Veja que coincidência.

Não sei exatamente o porquê daquilo. Talvez a mulher realmente gostasse daqueles brincos, ou os usara apenas para demonstrar superioridade...tanto faz. O que realmente importava foi o fascínio que aqueles dois pedaços de pedra pequenos pendurados nas orelhas daquela mulher jovem e elegante despertaram em Safira. Ela se deixou fascinar. Não demonstrou interesse, porém seu pensamento não a deixava em paz. Sua visão se anuviava com a imagem aqueles brincos, dos quais ela ousara possuir o mesmo nome. Eram azuis, e pareciam pesados.

O tempo ficou tão lento naquela manhã, como se de alguma forma desejasse que Safira permanecesse ocupada. E assim ficou. Limpado cada parte, passando pano, esfregando, subindo e descendo.

– Safira, precisarei sair. Tenho um compromisso inadiável com algumas amigas. Meu marido chega do emprego apenas à noite, se é que ele vai chegar. – aquilo saiu sem perceber. Talvez a vida das mulheres não sejam tão diferentes assim. Com ou sem luxo, sofreremos as decepções, dores e desamores do mesmo jeito. Aquele pensamento fez de Safira, por um momento, a rainha do lar, a dona do castelo; um castelo de cartas, e claro, frágil e sensível, mas um castelo.

Safira limpou tudo o que podia, com o maior cuidado e esmero possível. Nem se deixou cair de cansaço. Estava acostumada ao serviço pesado. Enquanto limpava o quarto dos patrões, não pode deixar de perceber, sobre a penteadeira, aquelas duas pedras que tanto a fascinava. Meu Deus! Como

brilhavam. Como são lindas. Olhou ao redor para certificar-se de sua solidão e as tocou com o máximo de cuidado possível. Sentiu um leve arrepio na espinha, uma sensação que a tomava toda. As mãos suavam. Então, sem pensar muito, colocou os brincos na palma da mão. Olhando para o horizonte, em um estado de semivida, deixou cair dentro do bolso aquelas joias e esqueceu, como quem acorda de um transe ou de um sonho muito bom.

Terminou seu serviço, recebeu seu dinheiro merecido e partiu. Foi ao dobrar a esquina que começou a andar depressa, sem conseguir correr. Com o rosto suado e vermelho do sol escaldante. Ao chegar em casa, o marido estava estatelado no sofá.

– Demorou, hein?! Estou com fome. Melhor preparar o jantar.

Ela o ignorou e correu para o quarto. Em frente ao único espelho quebrado que havia na casa, retirou com cuidado os brincos do bolso e os colocou nas orelhas. Fechou e abriu os olhos várias vezes, apenas para ter certeza de que não estava sonhando. Sentiu-se novamente a rainha em seu castelo. Tocou as pedras delicadas e percebeu que lhe caíam muito bem. Agora lembrou-se do sonho da mãe e quais eram suas palavras: “Seus olhos são como duas safiras”. Foi isso que ela dissera em seu sonho. Sim, tinha os olhos de Safira. Deixou-se viver naquela realidade ilusório por tanto tempo que esqueceu de suas safiras verdadeiras. Tocou o seio novamente. As pedras estavam maiores e aumentaram de número. Safira estava cheia, cheia de pedras valiosas em seu seio.